



MANUEL DE MACEDO

Um exemplo admirável de dignidade e de coragem é a vida d'este ancião d'alma e olhar juvenil, ainda hoje trabalhador incansavel, sempre alegre, entusiasta e firme, que nunca vergou ao peso do desanimo, que nunca uma prevaricação manchou.

Oriundo d'uma nobre e opulenta familia, sendo seu pae o illustre par do reino Antonio de Macedo Pereira Coutinho de Menezes, viu-se, quasi creança

ainda, em lucta com a adversidade e a pobreza, interrompidos os estudos que deviam abrir-lhe uma larga carreira. Não seguiu o caminho que quasi sempre em taes casos segue a nossa mocidade dourada, o de mendigar do estado umas migalhas á mesa do orçamento, adquirindo o direito de bocejar n'uma secretaria ou de cruzar os braços na ociosidade.

Manuel de Macedo era um altivo e resolveu pedir ao trabalho os recursos para viver.

Seu pae, homem illustrado que recebera esmerada educação no estrangeiro, acolhia em sua casa muitos estrangeiros de elvevada cultura e vivia n'uma atmosphera intellectual que muito auxiliava o desenvolvimento da natural inclinação de Manuel para as artes. As lições recebidas de professores estrangeiros na infancia, e a frequencia d'anno e meio no *atelier* d'Annuniação, que por amizade para ali o convidára, foram o cabedal de sciencia artista com que Manuel de Ma-

cedo se lançou ao trabalho para ganhar a vida; possuía também a vontade e a crença e tinha a visão educada artisticamente. A sua educação esmeradíssima, abrindo-lhe logo nos primeiros annos horizontes largos, e encontrando uma privilegiada intelligencia, tornou-o um artista distincto pela vastidão dos seus conhecimentos.

Em 1858, com 19 annos foi para o Porto, onde tinha parentes e amigos, e lá viveu na Foz durante dois annos, estudando e trabalhando sempre, conseguindo, milagre d'energia nas suas circumstancias, viver do trabalho. Dedicava-se especialmente ao estudo de costumes e a colonia estrangeira no Porto, entre a qual se encontravam antigos condiscipulos de seu paer na Allemanha e na Dinamarca, amigos do tempo da emigração, favorecia-o na tendencia para esse genero de pintura comprando-lhe os trabalhos, muitos dos quaes existem hoje na Inglaterra; tendo adquirido os mais importantes dos seus estudos um com-

merciante allemão, estabelecido em Liverpool irmão do celebre pintor de genero Meyerheim. Do Porto foi Manuel de Macedo para Coimbra em 1860, indo viver com seu irmão Henrique, o qual a esse tempo concluia ali a sua formatura. Foi em Coimbra que, guiado pelos conselhos d'Eugenio Lucini, um scenographo da escola de Barcelona, seu bom amigo, fez os primeiros ensaios scenographicos, trabalhando para o theatro de S. Luiz e no Academico, com uma febre de producção que revelava já no rapaz de poucos annos o energico trabalhador que sempre tem sido.

Em 1862, vindo seu irmão para Lisboa fazer um concurso para a Polytechnica, Manuel de Macedo acompanhou-o, e pouco depois, por intervenção d'Eduardo Garrido, que então punha em scena a sua celebre magica *Pera de Satana*, estreiou-se n'ella como scenographo, e encetando uma tentativa d'unidade no espectáculo scenico, compôz e delineou não só grande parte do scenario, mas trajos

e adereços, contribuindo muito para o grande exito da peça.

Durante nove annos absorveu-lhe a scenographia o melhor da sua actividade, o seu espirito illustrado não se conformava porém com os velhos processos empregados então geralmente nos theatros, d'onde procurou banir muitas convenções absurdas, esforçando-se porque fossem respeitadas, quanto possivel, a côr local e a verdade historica. Entrou depois com Santos para o theatro de D. Maria, trabalhando cumulativamente para o Gymnasio e outros theatros.

Mas se a scenographia lhe absorveu então o melhor da sua actividade, sendo considerado o nosso primeiro scenographo no seu tempo, e muito elogiados os effeitos de perspectiva e as combinações de tintas com que procurava dar a illusão da natureza, estes trabalhos não o affastavam do desenho com que enchia formosos albuns, entre os quaes teve nomeada um que foi adquirido por El-rei D. Fernando; dos tempos da residencia em

Coimbra deve existir tambem um album na posse da familia Ferreira da Regoa.

Em 1872 houve uma tentativa em favor da publicação illustrada e, a convite do gravador Pedroso, fez Manuel de Macedo alguns ensaios d'illustração; popularisando-se a gravura, o nosso artista lançou-se abertamente n'este novo genero de trabalho em que algumas vezes trabalhou juntamente com Bordallo Pinho.

Na formosa revista *Artes e Letras*, publicada n'esta epoca, se encontram bellos desenhos de Manuel de Macedo, typos populares d'uma rigorosa naturalidade, animados d'intensa vida e d'uma scintillante veia humoristica, que os torna congeneres dos typos do immortal Gavarni.

As suas tendencias eram para o realismo, a sinceridade na arte, a verdade historica foram sempre por elle procuradas com escrupulo.

Nas exposições da Sociedade Promo-

tora de Bellas Artes distinguiram-se trabalhos seus, que a critica elogiava calorosamente. Era considerado como o artista então possuidor de maiores conhecimentos theoricos. — «Poucos como elle fallam tão bem a linguagem d'*atelier*, e entram mais facilmente na parte technologica da arte». Isto dizia Andrade Ferreira a proposito dos seus trabalhos expostos n'aquella sociedade e lamentava que a sua attracção para a realidade lhe desse secura ás tintas. Enthusiasmava-se este escriptor por *Uma noite de luar no Mondego* em que a phantasia do artista, sob a influencia da formosa lampada celeste animara os bellos effeitos de perspectiva com a suavidade luminosa dos tons.

Em 1878 Manuel de Macedo, Guilherme d'Azevedo e Caetano Alberto fundavam *O Occidente*, revista illustrada que ainda existe e da qual Caetano Alberto se conserva o proprietario. Guilherme d'Azevedo, o scintillante chronista, ha muito que partiu, os dois artistas ficaram

trabalhando em boa camaradagem, gravando Caetano Alberto os desenhos de Manuel de Macedo, que se occupava não só da parte artistica d'*O Occidente*, mas muito da sua parte litteraria.

Em 1884 era nomeado conservador do Museu Nacional de Bellas Artes, instituido n'esse anno, em 1886 recebia tambem a nomeação de professor de desenho para o Instituto Industrial de Lisboa, cargo que ainda exerce. Fez durante dois annos parte do Conselho Superior d'Instrucção Publica, como vogal da secção d'arte e industria.

O desempenho d'estes encargos affastou-o muito tempo de lapis e pinceis, obrigando-o a dedicar-se a particulares estudos. De 1893 a 1897 escreveu e publicou alguns livros de vulgarisação artistica e de technica respectiva a especialidades d'arte. Entre os seus trabalhos litterarios contam-se tambem algumas traducções de obras notaveis principalmente das litteraturas do norte.

Em 1899 renasce vivamente a publi-

cação illustrada, Roque Gameiro, que começava a sua carreira de distincto illustrador, recorreu á experiencia erudita de Manuel de Macedo, reclamando a sua collaboração, e eil-o trabalhando com os novos, tão moço d'espírito como elles, fervoroso, entusiasta e da sua collaboração com Roque Gameiro tem resultado magnificos trabalhos. Para os avaliar basta percorrer as paginas da *Sereia*, o formoso e commovente romance de Camillo Castelo Branco. Ninguem melhor illustraria esse livro em que palpita a vida que animou uma parte da sociedade portugueza nos fins do seculo xviii, estando os preconceitos sociaes em lucta com os sentimentos; episodio tragico do despotismo familiar.

A existencia nas fidalgas moradias, o viver dos conventos, os costumes, o aspecto d'uma epoca tão caracteristica como o foi a que começou sob a influencia do faustoso D. João v, são pelo lapis de Manuel de Macedo e de Roque Gameiro ali evocados deliciosamente.

Ninguem entre nós melhor que Manuel de Macedo recompõe uma epoca do nosso passado; tem estudado a vida portugueza em todos os seculos da sua existencia, conhece-a no que tem de mais intimo, nos seus costumes, no seu mobiliario, o que elle não conhece é o cansasso na velhice assim como não conheceu o desalento na mocidade. Trabalhar, trabalhar ainda, trabalhar sempre, é a sua divisa.

A sua consolação é, disse-me elle um dia bem satisfeito, ter rabiscado tanto papel, tanta chapa de buxo para gravura, tanta tela scenographica, etc., que o total estendido em superficie ao comprido, transformado em ponte lhe facultaria um passeio a pé enxuto pelo menos até aos Açores.

Seu irmão Henrique de Macedo, lente de mathematica na Escola Polytechnica, par do reino, ministro d'estado e mais tarde conde de Macedo e nosso ministro plenipotenciario em Madrid, foi tambem um trabalhador que não desdenhou de

firmar com o seu nome as magnificas traducções d'alguns dos mais notaveis romances de Julio Verne.

É ainda uma honra para o nobre espirito independente de Manuel de Macedo o ter sabido resistir ás seducções que a situação politica do irmão podia oferecer-lhe, dados os exemplos, tão frequentes entre nós, dos homens d'estado considerarem o paiz como apanagio dos seus.

Cercado de respeitosas sympathias vae vendo correr os annos, tem assistido feliz ao desenvolvimento moderno da arte em Portugal, os conselhos da sua erudição impecavel, auxiliando muitas vezes os novos hesitantes. Agora, já passados os sessenta, iremos encontral-o, como nos annos de maximo vigor da vida, descansando dos seus trabalhos de publicação illustrada, tomando apontamentos para algum livro de vulgarisação artistica ou polindo alguma formosa traducção litteraria, e pegando novamente no lapis para repousar a penna.

O trabalho desanda em vicio, diz como desculpa, é a mordedura da tarantula.

